Literatura de Cordel

O PERITO CRIMINAL E O PIPOCO DO TROVÃO

Autor: José Alysson D. M. Medeiros

1ª Edição Direitos autorais reservados

Este ano recebi do amigo Gerard Deokaran o convite para prefaciar a obra *"Locais de Crime com Explosivos: Uma Metodologia Forense Interdisciplinar"*. Junto ao convite, veio o pedido para escrever uns versos sobre o tema...

Apesar de estar amparado pelo conteúdo técnico da obra, faltava um enredo: algo que adequasse um tema tão sério e devastador à linguagem de cordel. Ao lembrar de uma anedota e da lição aristotélica sobre humor do mestre Ariano Suassuna surgiu *"O Perito Criminal e o Pipoco do Trovão"*.

Levemente inspirado na piada de autoria desconhecida *"Terremoto no Ceará"* – por sinal, ô terra de gente engraçada e inteligente! – este cordel apresenta o encontro de um perito (prestes a atender um local de crime) com alguém aparentemente sem juízo. Como dizem por aí: é raro, mas acontece bastante!

Dedico este cordel ao elenco da obra inspiradora, bem como aos peritos e explosivistas que atuam na área, a exemplo dos colegas do Grupo de Bombas e Explosivos da Polícia Federal.

Por fim, agradeço aos xilogravuristas Edna e Jefferson pelas graciosas imagens produzidas especialmente para este folheto.

O autor.

O PERITO CRIMINAL E O PIPOCO DO TROVÃO

Autor: José Alysson D. M. Medeiros

Mais uma estória espolética,
Engraçada e explosiva,
Estopínica e bombástica,
Arretada e explicativa,
Da Perícia Criminal
E em cordel ela é exclusiva!

O Perito Criminal
Estava bem sossegado
Em seu dia de plantão,
Quando recebe um chamado:
Era lá do interior
E um Banco tinham roubado...

– Bom dia, Senhor Perito!
Sou de Cabrobó do Oeste[1]
Houve o assalto a um banco,
Nesta região agreste,
E explodiram foi tudo...
Bando de cabra da peste!

E lá foi-se a preparar
O perito especialista,
Pois entende do riscado,
Fez curso de explosivista
E no dia de São João,
Nas bombas, ele é artista!

Depois de bem equipado,
Deslocou-se em viatura.
Viajaram até o local e
Já perto da prefeitura,
Parando pra abastecer,
Aparece a criatura...

Eu aqui abro um parênteses,
De algo que é bem real:
No sertão, se um carro para,
Do tipo policial,
Ou chega doidinho ou "bebo"
Ou menino ou animal...

1 Local fictício. Qualquer semelhança é mera coincidência.

Pois bem, chegou um velhinho,
Cercando pela beirada,
E se apresenta ao perito,
Com a aparência assustada,
Perguntando ao expert
Qual sua próxima parada...

O perito assim responde:
– Vim atender à explosão!
O homem, de nome Chico,
Logo faz a intervenção:
– Eu ouvi esse barulho:
Foi pipoco de trovão!

O perito decidiu
Dar uma explicação melhor...
Usando seu linguajar,
Juntando gente ao redor,
Com o matuto a retrucar,
Só que o "trem" ficou pior:

– A explosão que investigo
Não resultou de trovão!
Foi algo artificial,
Que partiu de uma reação
Química, ágil e violenta,
Causando destruição...

Vou procurar no local,
Durante a investigação,
Quais vestígios ali restaram
Ao final da combustão...
Se há cordel detonante[2]
Que não vingou na explosão...

É preciso registrar
Os danos naquele evento:
A brisância[3]*, os estilhaços*
E é preciso estar atento
À posição dos vestígios
Para achar seu epicentro!

E Seu Chico disse: –
Homi, Foi pipoco natural...
Quando deu aquele raio,
Aqui no nosso arraial,
O trovão depois chegou
Inté na zona rural...

2 Cordão flexível feito de material explosivo utilizado para iniciar cargas explosivas maiores - algo bem diferente de um folheto de cordel explosivo.

3 Capacidade de destruição e fragmentação de um explosivo.

E num foi brisança nããããão...
Foi um vento da mulesta!!!
Avoou caco de vidro
Que bateu na minha testa...
E lá pras banda do Banco,
Uns doido fazendo festa...

E eu adianto ao senhor,
Num sobrou cordel[4] *nenhum:*
Foi papel pra todo lado e
Bem da hora do "cabrum"
Foi cordelista correndo,
Na feira, não ficou um...

E se, como testemunha,
Seu Epicentro procura,
Sinto muito em lhe dizer:
Ele está na sepultura!
Morreu no ano passado,
De tanto sentir gastura...

Mas seus irmãos estão bem
E algo podem ter visto:
Epifânio e Epicleyson
E até o pai, Evaristo,
Moram ao lado do Banco...
Eu juro por Jesus Cristo!

4 Folheto de literatura de cordel, que remete aos barbantes onde os folhetos eram pendurados enquanto expostos para venda nas feiras nordestinas.

Explosão no Banco – Xilogravura:
Jefferson Campos

O perito ficou rindo
Com aquela confusão
E explicou que esse vento,
Que parecia um tufão,
Era uma onda de choque[5]
Que advinha da explosão.

Ele então se despediu
E deu um aperto de mão.
O velhinho respondeu:
– Sucesso em sua missão:
Santa Bárbara o proteja
De fogo, raio ou trovão!

– Eu agradeço as palavras,
Além de sua atenção.
E enquanto à citada Santa,
Eu já tenho a devoção,
Pois também é padroeira
Dos técnicos em explosão!

Ele então seguiu pro Banco,
Para o local atender.
Perguntou pelo gerente,
Pra mais, do caso, saber.
Um moço chega e declara:
–Sou Epifânio, prazer!

5 Perturbação de pressão no ar causada pela energia liberada em uma explosão, causando danos a estruturas e pessoas que estiverem em suas imediações.

Sem acreditar que aquilo
Seria realidade,
Eis que ele indaga a hora
Daquela fatalidade:
– Foi logo depois que um raio
Atingiu nossa cidade!

Apesar de impressionado,
Com aquela situação,
O perito trabalhou
Evitando distração,
Pois sempre é muito arriscado
Local de pós-explosão.

Após feita essa perícia,
Deixou sua simpatia
Com aquele povoado,
Que sonha, de noite e dia,
Em viver com segurança,
Paz, sossego e em harmonia!

– F I M –

Texto finalizado em maio de 2025 e publicado em agosto de 2025.

José Alysson D. M. Medeiros, natural de João Pessoa/PB, é Engenheiro Civil e Perito Criminal Federal, atuando na capital paraibana. É o autor da coletânea *"Perícia em Versos"* da Millennium Editora.

Maria Edna da Silva (Edna) é artesã e xilogravurista pernambucana, nascida e residente em Bezerros. Desenvolve suas atividades no *Memorial J. Borges,* continuando o legado do mestre juntamente com outros artistas da família.

Jefferson de Lima Campos é paulistano, radicado no Rio Grande do Norte, apaixonado por Cultura Popular, especialmente Literatura de Cordel. Aos 35 anos começou a produzir xilogravuras, encantando o público com suas obras cheias de vida e movimento.

APOIO:

APCF Associação Nacional dos Peritos Criminais Federais